

13.

TORRE DOS ALCOFORADOS



Rua da Torre Alta
Lordelo
Paredes



41° 14' 55.95" N
8° 24' 30.17" O



918 116 488



×



×



Imóvel de Interesse
Público, 1993



P. 25



P. 25



Sim

A Torre dos Alcoforados, também designada popularmente como “Torre dos Mouros” ou “Torre Alta”, acabou por adotar o nome da família de que a tradição tem vindo a conotar como sua fundadora. Apesar das incongruências, dúvidas e hiatos que a história daqueles que se ligam a este edifício possa suscitar, o que é mais provável é que a origem desta Torre se encontre ligada a indivíduos do círculo dos de Urrô, depois diluídos em Brandões e estes, finalmente, nos Alcoforados. A dispersão dos seus senhores entre famílias portuenses e de Entre-Douro-e-Minho poderá justificar o facto de esta Torre cedo ter ficado desabitada, muito embora se tenha mantido enquanto símbolo de prestígio.



AS TORRES SENHORIAIS

A par dos inúmeros testemunhos remanescentes, a presença do topónimo "torre" um pouco por todo o Entre-Douro-e-Minho é um bom testemunho da popularidade que estas estruturas alcançaram, descontextualizadas já de um ambiente exclusivamente militar, defensivo e de reorganização do território, antes associadas a uma sociedade senhorial em plena afirmação e ascensão. São, pois, as linhagens de segundo plano, os "milites" aspirantes a ricos-homens, quem de início adotou esta solução arquitetónica da *domus fortis* para encabeçar os seus domínios.

Seguramente posterior a 1258, a Torre dos Alcoforados foi edificada num afloramento granítico, que lhe acentua a verticalidade (a Torre conta, hoje, com cerca de 8,60 metros). Destaca-se assim no meio de um vale agrícola encaixado entre a serra da Agrela e a serra de São Tiago, irrigado pelo rio Ferreira (que passa a sudeste) e pela ribeira de Feteira (a nordeste) e ainda pontuado por vários poços e

engenhos característicos de uma intensiva exploração agrária. A ideia de domínio está bem marcada pelos indícios que nos mostram que um balcão, provavelmente dotado de matacães e de uma pequena cobertura, se abria no andar nobre da edificação, voltado a nordeste, abrindo a Torre senhorial para a propriedade agrícola imediata que controla.



A DOMUS FORTIS

Para Mário Barroca, a *domus fortis*, enquanto tipologia arquitetónica da época românica constitui um dos mais extraordinários exemplos de adequação entre modelo arquitetónico [derivado da torre de menagem], função [residencial] e poder simbólico [nobilitação e antiguidade]. Foi, pois, graças à sua forte carga simbólica que as torres senhoriais foram preservadas, mesmo quando esvaziadas de utilidade.

O modelo da torre senhorial românica deriva do modelo importado das torres de menagem dos castelos da mesma época, sobrepondo-se a componente civil à militar. É, por isso, que a porta de acesso à Torre dos Alcoforados está já rasgada ao nível térreo, evidente reflexo da sua função já residencial, entenda-se senhorial. Delimitada por um arco de volta perfeita, a porta apresenta uma verga de arco desenhado ao modo de lintel, composto por quatro aduelas, e estaria abrigada por uma estrutura alpendrada, de uma só água, conforme parece indicar o negativo marcado no paramento. Embora no topo

da Torre faltem algumas fiadas de silhares, pensa-se que esta terá sido ameaçada. Na estrutura desta edificação há um elemento que nos permite datar de forma aproximada a sua construção durante a primeira metade do século XIV. Tratam-se das janelas de sabor gótico, dotadas de mainel com arestas chanfradas no exterior e pedra horizontal com sistema de tranca no interior. Rasgadas num largo muro, com cerca de 1,10 metros de espessura, estas janelas são interiormente enquadradas por um arco ligeiramente abatido que abriga, ainda, conversadeiras de alvenaria situadas logo abaixo do peitoril, nos flancos dos rasgos da parede. Os sobrados dos pisos superiores, como as escadas que lhes permitiam o acesso, eram em madeira, conforme denunciam os encaixes das traves que sustentavam o sobrado.



Interior antes das intervenções da Rota do Românico (2014)

